

Enquanto a programação da TV Tupi se desenvolvia, a recém-inaugurada TV Paulista, instalada precariamente na rua da Consolação, lutava bravamente contra a pobreza de seus recursos e com o problema dos estúdios pequenos e inadequados. À semelhança do que ocorrera com a PRF-3 TV, os programas teatralizados e as novelas não tardaram a firmar-se na programação da nova emissora. Já nos primeiros dias de 1952, quando a estação estava ainda em fase experimental, o grupo de teatro infantil (TESP) dirigido por Júlio Gouveia fez duas apresentações, ao que parece nos dias 10 e 24 de janeiro. Para a primeira apresentação do TESP, na TV Paulista, Júlio Gouveia resolveu encenar um autor nacional, Monteiro Lobato, escolhendo como tema O Sítio do Pica-pau Amarelo. Pouco depois, a Tupi convidava Júlio Gouveia e o TESP a se apresentarem semanalmente no canal 3, surgindo assim Fábulas Animadas e, mais tarde, a série que permaneceria dez anos no ar: O Sítio do Pica-pau Amarelo.

Aos poucos, a televisão ganhava um rumo próprio, começando a se organizar mais e a fundir as várias influências que recebera. Em meados de 1952, a programação publicada nos jornais Associados passara a indicar o horário da transmissão de cada programa, o que não significava que esse horário não variasse bastante. Nessa fase, o Grande Teatro Monções — como passou a ser chamado o teleteatro das segundas-feiras, depois de ganhar um patrocinador fixo (8) — apresentou Festim Diabólico (A Corda), adaptação da obra de Patrick Hamilton. (9) Produzida por Ruggero Jacobbi e adaptada e dirigida por Geraldo Joanides, a peça foi ao ar em 28 de julho de 1952. Nela atuaram Cassiano Gabus Mendes, Joseph Guerrero, Ítalo Rossi e outros atores das Associadas. É interessante notar que Cassiano e outros artistas da emissora trabalhavam ao lado de um elenco oriundo do teatro. Prosseguia assim o intercâmbio Rádio/Televisão e Teatro.

Por essas alturas, o Diário da Noite dedicava uma página inteira às notícias e eventos referentes a cinema, rádio, teatro e televisão. A despeito de haver poucos aparelhos em São Paulo, a televisão começava a ter certa importância. Ao ser colocada ao lado de seus rivais, numa página destinada a informar o leitor sobre as possibilidades de diversão, a televisão afirmava-se como uma opção ao espectador.

Não obstante o Grande Teatro das segundas-feiras, as telepeças de autoria dos produtores e atores das Associadas ou os espetáculos teatrais apresentados pelo Teatro de Arte e a Sociedade Paulista de Teatro, o sonho de um teleteatro maior, de vãos altos e produções ambiciosas, continuava a estimular os cineastas em potencial da PRF-3 TV Tupi. A procura de textos para radiofonização e encenação fizera com que produtores e atores se aproximassem do vasto acervo da literatura e dramaturgia mundial e o cinema contribuísse decisivamente para o acesso a esse conhecimento, que se deu através das adaptações cinematográficas de obras literárias famosas. Esse conhecimento tinha encontrado uma saída, embora precária, através da televisão. Mas o que vinha sendo tentado desde os primeiros tempos era insatisfatório, apesar de servir como treino para propostas mais arrojadas.

Desde a instalação da Tupi, Dermival Costa Lima e seu assistente Cassiano Gabus Mendes sonhavam com um teatro de fôlego — o Teatro de Vanguarda — que só lograria tornar-se realidade tempos depois e ficaria famoso sob o nome de TV de Vanguarda. Sobre aquele que viria a ser o mais importante teleteatro da televisão brasileira, Walter George Durst lembra:

“A televisão, na verdade, começou a repetir os programas de rádio. Como existia o radioteatro — um programa comprido onde havia uma rádio-peça — o Dermival Costa Lima bolou um teleteatro, que resolveu chamar de Teatro de Vanguarda. Quando ele me falou nesse Teatro de Vanguarda, achei-o muito pretensioso. Estávamos no começo, ainda não tínhamos nem televisão e já íamos partir para a vanguarda? Mas ele foi categórico.” (10)

Apesar das palavras desanimadoras, Durst viria a ser o principal produtor do programa durante mais de dez anos. Conforme ele mesmo confessou, “estava tirando o corpo com um pouco de medo” do empreendimento. Assim, a direção artística da emissora entregou a Dionísio Azevedo a responsabilidade da realização do espetáculo inaugural. Dionísio acabou escolhendo para a estréia um conto publicado na revista Mistério Magazine, largamente consumido na época: O Julgamento de João Ninguém. (11) Dessa forma, Dionísio enfrentava o empreendimento apoiando-se num texto já bem sucedido e aceito tanto pelo público quanto pela crítica radiofônica. (12)

Na noite do domingo, dia 17 de agosto de 1952, ia para o ar a primeira peça do TV de Vanguarda, que iniciaria uma carreira de aproximadamente quinze anos, levando ao ar quinzenalmente os maiores nomes da literatura e dramaturgia mundial. Um novo capítulo se abria para o teleteatro e para a história da televisão brasileira.

A apresentação do espetáculo inaugural do Teatro de Vanguarda, segundo o testemunho de produtores da época, foi um sucesso. O próprio nome do programa já constituía um forte atrativo para o público telespectador e despertava um certo respeito. (Foto 6)



(Foto 6) Cassiano Gabus Mendes (à direita) conversando com o elenco durante o intervalo de transmissão de atos de O Julgamento de João Ninguém (17.8.1952). TV de Vanguarda — TV Tupi — São Paulo. Foto/Arquivo de Lia de Aguiar

- (8) O Grande Teatro das segundas-feiras passou a ser patrocinado por Monções Construtora e Imobiliária S/A.
- (9) Esse texto serviu de base para o filme The Rope, dirigido por Alfred Hitchcock em 1948.
- (10) Depoimento de Walter George Durst ao IDART, São Paulo, novembro de 1976.
- (11) The John's Nobody Case, de V. Sarr.
- (12) A adaptação dessa mesma história para o rádio em 1951 dera a Dionísio Azevedo o prêmio da crítica como o melhor programa de radioteatro daquele ano.